

Reportagem Cultural

Breno Mello: uma vida fora do script

Marcello Campos, especial para o JC

Há quem acredite na ideia de que os caminhos da vida sejam regidos por uma trama de desfechos inescapáveis. Tudo estaria traçado antes do nascimento, cabendo ao indivíduo sabiamente preencher com seu livre-arbítrio os espaços entre início e fim. Alguns filósofos e dramaturgos da Grécia Antiga, por exemplo, partiam do pressuposto de que nem mesmo os deuses do Olimpo eram capazes de interferir nessa suposta força sobrenatural que hoje conhecemos por “destino”.

Para os adeptos de tal fatalismo, a biografia do porto-alegrense Breno Mello (1931-2008) é um prato cheio, com momentos que parecem obra de um inventivo ficcionista – ou divindade. Um percurso de altos e baixos, do guri negro, pobre e operário ao atleta popular e celebridade instantânea do cinema internacional, a partir de um golpe de sorte cujos desdobramentos garantiram a seu protagonista retrato no catálogo das mais singulares trajetórias artísticas de sua época.

Um de cinco irmãos criados no Passo D’Areia deixou a escola na 1ª série, após a morte do pai, passando a trabalhar na adolescência em uma fábrica de vidros no bairro São João, após breve momento como sapateiro. Em paralelo, o sonho de fazer do futebol um modo de sustento levaria o esguio atacante a progredir do varzeano Aimorés (que ajudara a criar) aos juvenis do Esporte Clube São José. Até passar em teste no Grêmio Esportivo Renner, aos 21 anos, após o serviço militar na 1ª Companhia de Guardas, no bairro Santana.

No clube fundado no bairro Navegantes por empregados da tecelagem de Antônio Jacob “AJ” Renner, o jovem negro de 1m78cm não esbanjou apenas simpatia nos

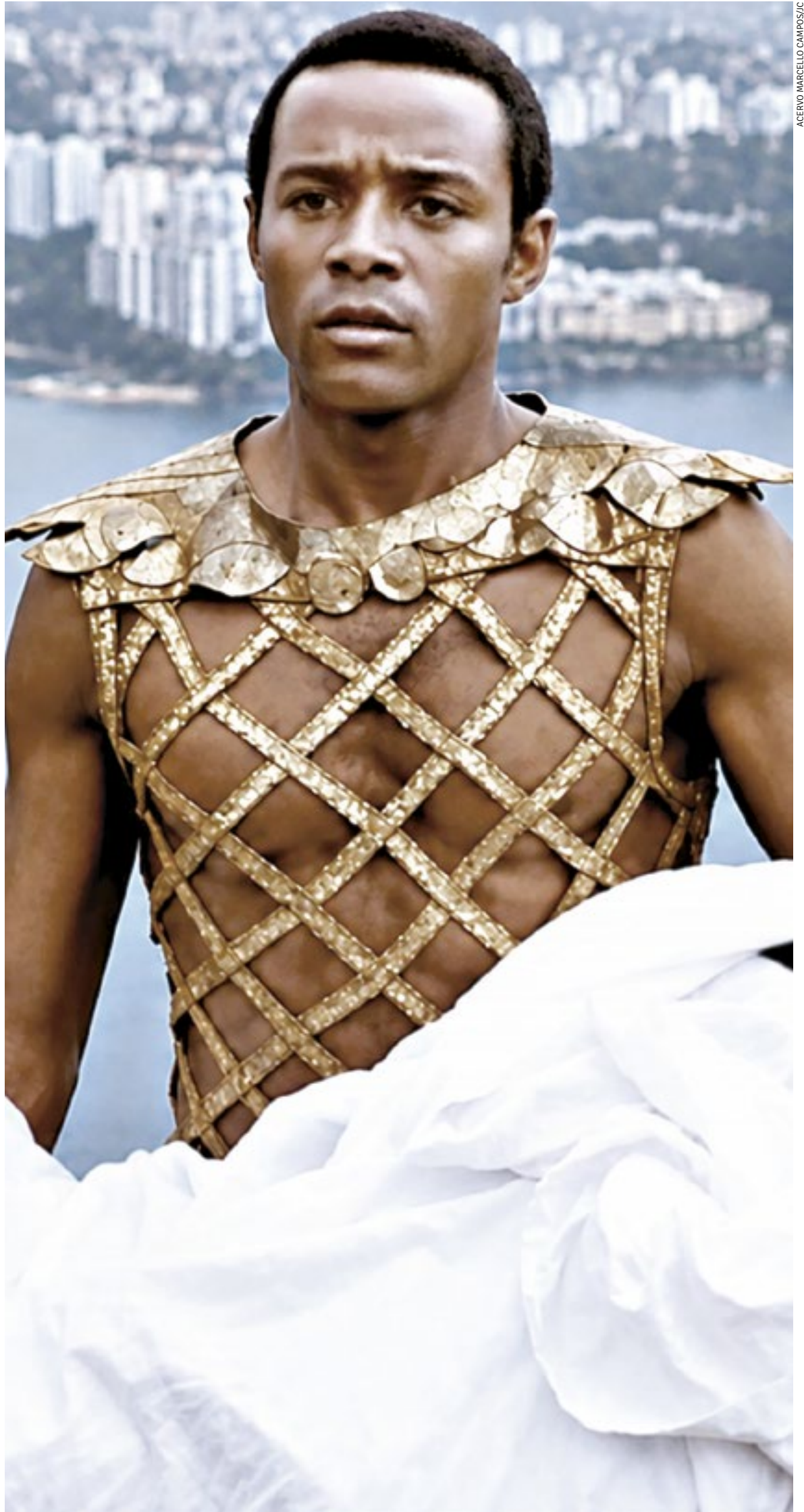
gramados ou como funcionário do almoxarifado. Nada menos que 90 gols em 133 partidas de 1952 a 1956 fizeram dele um dos destaques (ao lado de Ênio Andrade, Valdir Joaquim de Moraes e outros nomes) da jornada épica que resultou na conquista invicta do Campeonato Gaúcho de 1954.

“Relatos de colegas e imprensa apontam Breno como jogador habilidoso, ágil e de forte presença na área e ótimo cabeceio, chegando a vice-goleador da competição”, detalha o arquiteto Luis Carlos Macchi, coautor do livro G.E. Renner: o Cometa Eterno (2023). São também de sua iniciativa o site rennervive.com e, anexo a seu escritório na rua Cância Gomes (Floresta), um memorial dedicado à agremiação – extinta pela empresa devido a questões orçamentárias, em 1959.

O camisa 8 do escrete gaúcho que obteve em 1955 o terceiro lugar no torneio de Seleções Estaduais flertou com o Corinthians até ser contratado por empréstimo para quatro amistosos do Timão em março de 1957 – dois gols não bancaram a permanência. De volta ao Renner durante um mês, foi cedido ao Santos, estufando duas redes em seis duelos de maio a junho, mas sem futuro em um elenco no qual pedia passagem seu colega de pensão, um adolescente chamado Pelé.

Próxima parada: o Fluminense. Vendido em julho, Breno fez do período carioca algo muito maior que um acréscimo ao currículo esportivo, com 15 gols em 42 partidas até maio de 1959, a maioria pela categoria de aspirantes: a Cidade Maravilhosa proporcionou ao rapaz de 27 anos, casado e pai de dois filhos, uma jogada cinematográfica, a partir de inusitada abordagem na rua por um desconhecido.

Leia mais na página central



crítica



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

Em memória de Herzog

Em meio a toda a alegria que os eleitores viveram no domingo, 25 de outubro, com a reeleição de Lula e o que se convencionou denominar de vitória da democracia, tive uma única tristeza: neste mesmo dia, há 50 anos, o jornalista Vladimir Herzog era assassinado nos porões da ditadura, pelos policiais do DOPS paulista, no que se tentou fazer passar como um suicídio. Um dos responsáveis por este crime foi o Coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, comandante das dependências do DOI CODI em que o assassinato do jornalista ocorreu, seguido, logo depois, pelo assassinato do sindicalista Manoel Fiel Filho. Tudo em 1975. Infelizmente, na passagem deste meio século dos crimes, ninguém se lembrou de evocar o nome do jornalista, cuja morte desencadeou a primeira grande onda de resistência contra a ditadura, liderada pelo presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de São Paulo, Audálio Dantas, com o apoio do rabino Henry Sobel, da comunidade judaica, e do arcebispo metropolitano de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns. Audálio Dantas negou-se a corroborar a tese do suicídio. O rabino permitiu o enterro de Herzog no cemitério judaico, o que evidenciava que também ali a tese do suicídio era rechaçada. Dom Paulo fez rezar missa de corpo presente na catedral. Assim começava a derrocada da ditadura, porque o General Ernesto Geisel, ditador de plantão, resolveu demitir o chefe do II Exército de São Paulo que, de seu lado, tentou dar um golpe no governo.

Mas o que tem a ver tudo isso com esta coluna sobre teatro? Em primeiro lugar, vivi este tempo, convivi com Audálio Dantas, mas, sobretudo, me envolvi com as consequências do episódio, enquanto jornalista especializado em artes cênicas.

É que a dramaturgia brasileira não calou sobre o crime. O dramaturgo Gianfrancesco Guarnieri, autor, dentre outros, de "Eles não usam black tie", imediatamente escreveu e fez representar a peça "Ponto de partida", que teve trilha sonora de Sérgio Ricardo, que interpretava a canção tema inclusive ao vivo, na boca de cena. Impossibilitado, pela censura, de escrever algo que aludisse diretamente ao caso, Guarnieri escreveu uma fábula que se passa talvez no século XVI, num país ibérico (Portugal?). Don Félix é quem comanda com mão de ferro o reino. Sua filha Maira (significa-

tivamente, nome indígena brasileiro) acaba por enamorar-se de Birdo, um simples Pastor, que termina assassinado pelo mandatório, para terror da esposa do rei, Aida.

A peça realiza uma espécie de paráfrase do crime perpetrado na prisão paulistana. Mas a repressão era tão brutal, que nenhum teatro na cidade aceitou a montagem, que acabou estreando no Teatro TAIB, da comunidade israelita, com produção de Othon Bastos e direção de Fernando Peixoto. Passava-se quase que por uma investigação de antecedentes para se conseguir chegar à sala, tais os cuidados com a repressão. Assisti ao espetáculo, naquela ocasião, e sobre ele escrevi, então, no Correo do Povo, onde trabalhava.

Um ano depois, fui convidado a integrar o júri do Concurso Nacional de Dramaturgia que o SNT - Serviço Nacional de Teatro, promovia. Entre outros, no júri, o mesmo Fernando Peixoto, ator e diretor gaúcho. A peça vencedora chamava-se "Patética", assinada por João Ribeiro Chaves Netto, que se soube depois, era genro de Herzog. A peça denunciava o crime contra o jornalista. Revelado o vencedor, o SNT avisou que as autoridades militares não permitiam este resultado. O júri não abriu mão de sua decisão; Orlando Miranda, então diretor do SNT, pediu tempo, e se iniciou negociação de quase um ano até que fôssemos chamados para uma reunião no Rio de Janeiro, com risco de sairmos presos, se mantivéssemos nossa decisão.

A decisão foi mantida, a peça acabou sendo reconhecida, mas proibida de ser encenada. Imediatamente a editora Civilização Brasileira publicou o texto que, em 1977, foi encenada por Celso Nunes, no Teatro Flávio Império. Era uma peça dentro de uma peça, ocorrendo sua ação num picadeiro de circo prestes a encerrar suas atividades. Assisti à peça em São Paulo. Aqui em Porto Alegre, ela foi trazida por Dilmar Messias, e cumpriu temporada no Teatro Presidente.

Que fique o registro; se festejamos a democracia, devemos a Herzog esta conquista. A dramaturgia soube valorizar e guardar a memória de tal episódio dos porões da ditadura, a mesma que a família Bolsonaro teima em dizer que não existiu e sobre a qual Flávio Bolsonaro, especialmente, parece tripudiar, quando homenageia a figura do torturador que foi Ustra.

acontece



FERNANDO YOUNG/DIVULGAÇÃO/JC

Espectáculo foi marcado por descumprimento ao que determina a legislação

Após vaias a Marco Nanini, o que diz a lei sobre inclusão na cultura?

Andressa Pufal

No dia 18 de outubro, o ator Marco Nanini foi vaiado na apresentação da peça Fim de Partida, no Teatro Simões Lopes Neto, em Porto Alegre. As vaias ocorreram após o ator interromper a apresentação do espetáculo para reclamar das sombras da intérprete de Libras que incidiam sobre o palco. As cortinas foram fechadas por cerca de 20 minutos para que a produção tentasse resolver o problema. Com a impossibilidade de resolução, a profissional foi dispensada pela produção e a peça continuou sem o recurso de acessibilidade. Na reabertura das cortinas, vaias tomaram conta do teatro.

O Estatuto da Pessoa com Deficiência há 11 anos visa assegurar condições de igualdade, os direitos e a inclusão deste grupo. No capítulo IX (arts. 42 a 45), o texto trata especificamente do direito à cultura, ao esporte, ao turismo e ao lazer. Em seu artigo 42, a lei estabelece que "a pessoa com deficiência tem direito à cultura, ao esporte, ao turismo e ao lazer em igualdade de oportunidades com as demais pessoas". E que a elas é obrigatória a oferta em formato acessível de "programas de televisão, cinema, teatro e outras atividades culturais". O parágrafo primeiro do artigo ainda diz que "é vedada a recusa de oferta de obra intelectual em formato acessível à pessoa com deficiência, sob qualquer argumento".

Em 2009, a Lei Nº 13.320 consolidou a legislação relativa à pessoa com deficiência no Rio Grande do Sul, que busca para esta parcela da população a efetiva participação na sociedade, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas. Diz ela, no terceiro parágrafo do Artigo 3º, que a proteção dos direitos deste grupo abrange a "promoção de políticas e programas de assistência social que eliminem a discriminação e garantam o direito à proteção especial e à plena participação nas atividades políticas, econômicas, sociais, culturais e esportivas do Estado".

Para a pesquisadora e professora de comunicação e acessibilidade da Ufrgs, Ana Cristina Cypriano, o episódio ocorrido mostra que a lei não está encontrando na vida real as condições para a sua execução. "O Estatuto da Pessoa com Deficiência tem 11 anos e a gente ainda normaliza - no caso, um ator ainda normaliza - negar o acesso de um grupo minoritário à cultura", lamenta. "Como é que tu pode proibir o acesso a todos os surdos? Se substituíssemos as pessoas surdas por qualquer outra minoria política, isto seria impensável."

A Fundação Theatro São Pedro declarou que lamenta o ocorrido, principalmente "os prejuízos causados à comunidade surda presente". A nota diz que a equipe do Multipalco atuou buscando alternativas técnicas para tentar solucionar o problema, mas que "não foi possível encontrar uma solução que contemplasse todas as necessidades envolvidas naquele momento".

Também em nota a produtora do espetáculo, Pequena Central, reconheceu que foi uma falha que o problema não tenha sido detectado anteriormente e assumiu a responsabilidade sobre o ocorrido. "Reconhecemos que a produção falhou ao não verificar e garantir previamente as condições técnicas necessárias à realização da sessão com interpretação em Libras neste teatro. Assumimos inteira responsabilidade por essa falha e por suas consequências."

Em nota, Marco Nanini se desculpou reconhecendo que a situação deveria ter sido conduzida de forma mais sensível e que intenção nunca foi excluir do espetáculo a comunidade surda. Mas que a montagem é "extremamente minuciosa" e que o jogo de luz e sombra é importante para a narrativa.

fique ligado

Becos da Capital em livro

As cidades contam muitas histórias, basta ter olhar atento para lê-las. Para nos ajudar neste exercício, a pesquisadora, ilustradora e quadrinista Ana Luiza Koehler lança neste sábado, às 16h, na Feira do Livro a obra *Os Becos da Porto Alegre Antiga*. Desdobramento de sua dissertação de mestrado, a publicação busca resgatar espaços e personagens marginalizados da capital gaúcha.

Ao longo de 240 páginas, a obra reúne mapas, fotografias e ilustrações originais, em especial dos becos do atual Centro Histórico - lugares que apresentam arquitetura e vida social moldadas a partir das tradições e das vivências da população negra e de imigrantes pobres que ali se instalaram ao longo do século XIX. Após a apresentação do livro, às 17h, a autora realiza uma

sessão de autógrafos na Sala Vitrine de Lançamento (Clube do Comércio - Andradass, 1085, 3º andar).

A publicação resgata as histórias da Av. Otávio Rocha, que um dia já foi o Beco do Rosário; da Av. André da Rocha, antigo Beco do Oitavo; e até da Av. Borges de Medeiros, que antigamente já foi, em diferentes localidades, o Beco do Poço, do Meirelles e do Freitas.

“Uma coisa que eu puxo a atenção é para identificar os períodos em que cada prédio deve ter sido construído, porque, com isso, a gente pode mais ou menos perceber por características arquitetônicas se ali já foi um beco”, explica a autora. “Se estamos num antigo beco, encontramos prédios de 100 anos atrás e isso é um vestígio importante. Educar o olhar é perceber as diferentes temporalidades da arqui-

tetura, da paisagem, e compreender suas histórias.”

A pesquisa de Koehler também deu origem a outras duas publicações: *Beco do Rosário* (Editora Veneta, 2020) - primeira HQ indicada como leitura obrigatória no vestibular da Fuvest, em 2026 - e, *Viaduto* (Editora Veneta, 2023).

Os livros buscam humanizar as vivências que construíram o alfabeto do centro da cidade, bem como desmistificar os becos, que até hoje carregam uma carga simbólica negativa. “Eu mostro que o beco em si não é naturalmente ligado à criminalidade, à prostituição, à estigmatização social. Mas que ele vai sendo associado a essas questões negativas quando a cidade vai se adensando e que as pessoas mais pobres vão tendo que morar nesses lugares para permanecer na cidade.”

ANA KOEHLER/DIVULGAÇÃO/JC



Os Becos da Porto Alegre Antiga será lançado neste sábado na Feira do Livro

Bataclã FC lança o álbum Sopapo Beat

A Bataclã FC faz o show de lançamento do álbum *Sopapo Beat* nesta sexta-feira, às 20h, no Teatro Bancários RS (Coronel Fernando Machado, 820). Liderada por Richard Serraria, a banda sobe ao palco com Sandro

Gravador, Duke Jay, Pingo Borel, Tuti Rodrigues, Vitor Curth, Danilo Marcondes, Angelo Primon, Marcelo Corsetti, Indira Castro e Letícia Francisco, com participação especial de Pablo Lanzoni e algumas surpresas. O repertório

traz as novas canções e músicas de outros tempos. Os ingressos custam R\$ 60,00 e R\$ 30,00 (meia-entrada) pelo Sympla. O disco chega às plataformas na íntegra em 20 de novembro, pelo selo paulista Sete Sóis.

Chico Chico se apresenta no Opinião

O cantor e compositor Chico Chico se apresenta nesta sexta-feira, às 21h, no Opinião (José do Patrocínio, 834), com o show que promove seu trabalho mais recente, *Let It Burn/Deixa Arder*, de 2025. Filho de Cássia Eller, ele sobe ao palco com a banda com-

pleta e um repertório que reúne sucessos como *Ninguém, Mãe e Árvore*. Os ingressos custam entre R\$ 120,00 e R\$ 260,00, com venda pelo Sympla ou na bilheteria física, na loja Planeta Surf do Bourbon Wallig (Assis Brasil, 2611).

Indicado duas vezes ao

Grammy Latino, o artista começou a carreira em 2015, com o álbum *2x0 Vargem Alta*. Tem músicas em trilhas de novelas, como *Ninguém*, com Fran Gil, em *Vai na Fé*, e *Mãe e Ribanceira*, em *Pantanal*, ambas do disco *Pomares*.

AGENDA

SEXTA-FEIRA, 30 DE OUTUBRO

🕒 **18h** - Halloween na HotZone do BarraShoppingSul (Diário de Notícias, 300) realiza evento temático de Dia das Bruxas, das 18h às 21h, no parque indoor HotZone. Programação gratuita.

🕒 **19h** - As cantoras Loma Solaris e Stephanie Soeiro se apresentam no projeto *Horacina Corrêa* convida, com repertório de Noel Rosa, Braguinha e Ary Barroso, no Teatro Oficina Olga Reverbel, no Multipalco Eva Sopher (Riachuelo, 1.089). Ingressos a partir de R\$ 20,00 no site do Theatro São Pedro.

🕒 **18h** - Integrantes da banda mineira Daparte botam som na pista da Rádio Agulha (Cristóvão Colombo, 545), com Selecta do Nego Joca depois. Entrada gratuita com contribuição sugerida de R\$ 20,00.

🕒 **21h** - Ítallo França e Tori dividem o palco em show duplo, com repertórios individuais e momentos de canções em conjunto, no Espaço 373 (Comendador Coruja, 373). Ingressos a partir de R\$ 35,00 pelo tri.rs.

🕒 **21h** - Luedji Luna apresenta a turnê *Um Mar Pra Cada Um, Antes Que A Terra Acabe* no Teatro do Bourbon Country (Túlio de Rose, 80). Ingressos a partir de R\$ 100,00 pela Uhuu.

🕒 **21h** - A banda Sintonize presta tributo a Bob Marley no Projeto Reggae no Distrito, com convidados, no Fuga Bar (Alvaro Chaves, 91). Ingressos entre a partir de R\$ 15,00 pelo Sympla.

SÁBADO, 31 DE OUTUBRO

🕒 **12h** - MuseCom (Andradass, 959) inaugura a exposição que recupera e celebra a trajetória da indústria dos jogos digitais no RS. Visitação de segunda a sábado, das 10h às 19h, com entrada franca.

🕒 **13h** - A primeira edição da Feira Mixuruca, evento voltado à produção gráfica e editorial independente, ocorre das 13h às 19h, na Travessa dos Cataventos (Andradass, 736). A feira reúne artistas e editoras com venda de zines, gravuras e livros, além de painéis temáticos. Entrada franca.

🕒 **17h** - Lançamento do livro *Uma Biblioteca no Pampa* do Juremir Machado da Silva na Praça de Autógrafos da 72ª Feira do Livro de Porto Alegre. Entrada Franca.

🕒 **20h** - Yago Oproprio apresenta as canções da mixtape *A La Carte*, de seu álbum *OPROPPIO*, revisitando fases de sua trajetória, no Opinião (José do Patrocínio, 834). Ingressos entre R\$ 90,00 e R\$ 180,00 pelo Sympla.

🕒 **20h** - A festa Reflektor, em edição de Halloween, reúne indie, disco, rock, dance-punk e synthpop em duas pistas, com sala de karaokê, no Sofia Karaokê (Comendador Caminha, 348). Ingressos a partir de R\$ 20,00 pelo Sympla.

🕒 **21h** - King Jim, Edu K, Marcelo Fornasier, Márcio Petracco, Gabriel Guedes e Elieser Lemes se reúnem em espetáculo dedicado aos clássicos do rock gaúcho, no Grezz (Alm. Barroso, 328). Ingressos a partir de R\$ 30,00 no Sympla.

🕒 **21h** - Rapper Hungria retorna a Porto Alegre com a sua nova turnê no Auditório Araújo Vianna (Oswaldo Aranha, 685). Ingressos entre R\$ 90,00 e R\$ 300,00 pela plataforma Sympla.

🕒 **22h** - O Filhos de Chico presta tributo a Chico Science e Nação Zumbi no Espaço 512 (João Alfredo, 512). Ingressos a R\$ 20,00 no site espaco512.com.br.

DOMINGO, 1º DE NOVEMBRO

🕒 **14h30min** - Grupo indígena de dança Tup? Pân estreia o espetáculo *A Luta Pela Educação Escolar Indígena da Aldeia Tup? Pân* na Aldeia Tup? Pân no Morro do Osso (Professor Padre Werner, 1.071). Entrada gratuita.

🕒 **21h** - A banda Preferia Não comemora aniversário com baile à fantasia, show do Isotopxs, DJ MEC7 e concurso de fantasia, na Casa Azul (General Lima e Silva, 912). Ingressos a R\$ 25,00 pelo Sympla.

🕒 **19h** - A Turnê Celestial reúne as bandas Tran (SC) e Papangu (PB) em uma noite só, no Espaço 512 (João Alfredo, 512). Ingressos a partir de R\$ 50,00 pelo Shotgun.

reportagem cultural

Do futebol ao cinema,
o estrelato por acaso

Marcello Campos, especial para o JC *

“Ôla... Porr acase vóce gostar-
rie de trrrrbalharr en’un film?”.
A pergunta em português afran-
cesado, certa noite em junho de
1958, interrompera um distraído
Breno Mello a caminho do aparta-
mento alugado no bairro do Fla-
mengo. Superada a desconfiança
de uma cantada gay, permitiu
que o sujeito prosseguisse. Era
um olheiro do cineasta parisiense
Marcel Camus, em busca de can-
didatos a protagonista do longa-
metragem que rodaria no Brasil:
Orfeu Negro, adaptação da peça
teatral Orfeu da Conceição (1954),
criada por Vinicius de Moraes e
que transpunha a lenda grega de
Orfeu e Eurídice para uma favela
do Rio de Janeiro no Carnaval, 26
séculos depois.

O avante do Fluminense se
encaixava perfeitamente nos
requisitos divulgados em movi-
mentadíssima campanha com
apoio do jornal O Globo: “Jovem
de 25 a 30 anos, mulato claro,
ágil, pouco musculoso, altura de
mais ou menos 1 metro e 75 cen-
tímetros, conhecedor das gingas
do samba, simpático e de olhos

ternos”. Sem experiência em dra-
maturgia. Meio relutante, Breno
se submeteu a “peneira” com ou-
tros 300 concorrentes na Maison
de France (espécie de centro cul-
tural e diplomático do país euro-
peu no Centro da cidade) e, para
surpresa geral, teve seu nome
escolhido, semanas depois, frente
a outros dois finalistas, ambos
também não-atores.

Cerca de dois meses de en-
saio e três de filmagem no Mor-
ro da Babilônia confirmaram a
intuição da equipe sobre o acerto
da escolha. O jogador gaúcho deu
conta do recado, driblando com
espontaneidade e fotogenia a
falta de maior formação dramá-
tica para interpretar o músico,
condutor de bondes e vértice de
fatídico triângulo amoroso com
a noiva, Mira, e a imigrante nor-
destina Eurídice - interpretadas
pela carioca Lourdes Oliveira
e a norte-americana Marpessa
Dawn, ambas em início de car-
reira, assim como a coadjuvante
Léa Garcia. Breno, aliás, não era
o único atleta da fita: no papel da
Morte (sem mostrar o rosto) esta-
va o paulista Adhemar Ferreira
da Silva, bicampeão olímpico do

salto-triplo.

Lançado mundialmente no
primeiro semestre de 1959, Or-
phée Noir foi sucesso de público
e dividiu opiniões entre os crí-
ticos, de narizes torcidos para a
estética romantizada da pobreza
ou rendidos à exuberância visual
de um Rio de Janeiro ao som do
samba e da emergente bossa
nova. Na célebre trilha sono-
ra, composições de Tom Jobim,
Vinicius de Moraes, Luiz Bonfá e
Antônio Maria - o próprio Breno
aparece cantando e dedilhando
Manhã de Carnaval e A Felici-
dade, em dublagem pelo cantor
paulista Agostinho dos Santos e
noções rudimentares de violão
(por gentileza de um integrante
do elenco) que levaria consigo
pelo resto da vida.

Não bastasse o cachê de 1
milhão de cruzeiros (cerca de R\$
80 mil em valores atuais), cerca
de 50 vezes o vencimento com
salário mais bichos no Flu, Breno
alcançou de bate-pronto um
estrelato que jamais experimen-
tara nos gramados. Entrevistas
à imprensa nacional e estrangei-
ra. Recepções de gala. Viagens a
Cuba, México, Paraguai e outros

Entre torcidas e plateias

Quem não curtiu muito
a nova fase foi o Fluminense,
mesmo “indenizado” pelos pro-
dutores franceses em 100 mil
cruzeiros durante o afastamento

temporário de um atleta rara-
mente aproveitado nos titulares.
Inicialmente fora de forma e com
os pensamentos divididos entre
futebol e cinema, o meia-atacante
ainda disputaria diversas parti-
das até junho de 1959, quando
uma eventual renovação de con-
trato acabou por não se concre-
tizar. Havia um acordo firmado
com a coprodutora brasileira de
Orfeu Negro para novos projetos
no cinema, mas a falência da em-
presa fez com que o plano ime-
diato de prosseguimento de uma
carreira internacional batesse na
trave, aos 28 anos.

“Eu me considero realiza-
do na profissão de atleta. Acima
de tudo coloco o esporte e, se
pudesse, não trocaria o futebol
por nenhuma emoção cinema-
tográfica, por maior que fosse”,
garantiu na época ao carioca Jor-
nal dos Sports. O período tam-
bém foi marcado por incertezas
e tentações, inclusive financei-
ras e boêmias, que murcharam

a bola inclusive na estabilidade
familiar, antes que o choque de
realidade colocasse as coisas no-
vamente em ordem. “Pensei que
aquela fama toda nunca acaba-
ria e que o dinheiro durasse para
sempre”, admitiria em uma de
outras tantas entrevistas concedi-
das posteriormente.

Novos lances marcaram a pri-
meira metade da década seguinte,
sem o mesmo brilho anterior. Fora
de forma e de chuteiras pendura-
das no Rio de Janeiro após sonda-
gens infrutíferas de clubes como
Botafogo e Olaria, Breno voltou
para o Rio Grande do Sul em 1962.
O cachê de Orfeu Negro permitira
a compra de uma casa em Novo
Hamburgo, onde já residia a famí-
lia da esposa, Liége, e na qual se
tornou atração em partidas do Es-
porte Clube Florianópolis. As glórias
de Orfeu Negro ainda repercutiam:
meses depois, foi escalado como
protagonista de O Santo Místico,
estreia do diretor francês Robert
Mazoyer (que conhecera como



Filme de 1959 venceu a Palma de Ouro, o Globo de Ouro e o Oscar

países. A visibilidade se poten-
cializou no embalo do reconheci-
mento do longa de Marcel Camus
com três conquistas arrasadoras:
Palma de Ouro no Festival de

Cannes (1959), Globo de Ouro de
Melhor Filme Estrangeiro (1960) e
Oscar de Melhor Filme Estrangei-
ro em 1960 (como produção fran-
cesa, embora rodada no Brasil).



Breno Mello no Renner nos anos 1950



assistente no filme
de Marcel Camus),
em 1963.

Gravado na Bah-
ia, o drama românti-
co teve Breno no papel
de jovem pescador
transformado em santo
milagreiro pelo povo
supersticioso de uma
pequena ilha e que
amarga a desilusão do casamento
de sua amada (Léa Garcia, coad-
juvante em Orfeu) com outro su-
jeito. Na trilha, novamente Viní-
cius de Moraes, Tom Jobim e Luiz
Bonfá. A distribuição problemá-
tica contribuiu para o que o longa-
metragem tivesse vida breve nas
salas de exibição, porém rendeu
convite para dois novos trabalhos
nas telas, interrompendo a expe-
riência como reserva de luxo no
time do Água Verde, de Curitiba
(PR), naquele mesmo ano.

O drama social Rata de Puer-
to (“Rato do Porto”) foi rodado
em Buenos Aires, sob direção do

argentino
René Mujica. Sem cópias
hoje conhecidas, restam sinopses
detalhando a atuação secundária
de Breno como um padre em am-
biente sórdido, incluindo ousada
cena de nudez entre o sacerdo-
te e uma prostituta, encarnada
pela vedete Zulma Faiad. Já Os
Vencidos (1965), único filme do
mineiro Glauro Couto, teve o ator
gaúcho ao lado de Jorge Doria,
Eliezer Gomes e a musa franco-
belga Annik Malvil, radicada no
Brasil. Ela e Breno (de novo como
pescador) dividem tórrida cena
de amor inter-racial que resultou
no carimbo de “proibido para
menores de 18 anos”.

Chuteiras da humildade

A falta de novas oportunidades levou Breno Higinio Mello a uma constatação óbvia, em 1965: na vida adulta, nunca trabalhara fora da tabelinha futebol-cinema. Exceto pela experiência como “relações-públicas” de empresa local em duas edições da Feira do Calçado de Novo Hamburgo. Hora de adotar novo esquema tático, fixando posição no segmento. Aos 34 anos, passou a bater cartão como encarregado de expedição em uma fábrica de sapatos - entre caixas e formulários,

esbanjava simpatia também nas partidas do time da firma em fins de semana. “Nada mudará em minha vida”, disse à Folha da Tarde em 1966. “Sou feliz porque o destino me ofereceu muito mais que eu merecia”. O currículo se expandiu nos anos seguintes como dono de uma representação comercial e corretor de anúncios do jornal NH, com pausa para o derradeiro retorno aos gramados, em 1969, pelo Clube Atlético Cairu, de Sapiranga,

campeão estadual amador. A família também aumentava, com os filhos Jorge Luís (1953) e Paulo Roberto (1954) ganhando as irmãs Susete (1968) e Liette (1971). Sempre lembrado pelo impacto de Orfeu Negro, Breno voltaria em alto estilo às telas em 1973, como um ex-escravizado, no longa gaúcho Negrinho do Pastoreio, bem-sucedida adaptação do tradicionalista Nico Fagundes para a lenda do folclore gaúcho, tendo o astro mineiro Grande Otelo no papel principal.



Breno Mello e Nico Fagundes na adaptação de Negrinho do Pastoreio

Últimos holofotes

Separado de Liège em 1979, Breno Mello se transferiu para Florianópolis (SC) no início da década seguinte, após união com uma nova “eurídice” - a ialorixá Amelina Santos Correa, com quem teria a última filha, Letícia (1983). Trabalhou como agenciador de anúncios do jornal O Estado e, aos 57 anos, fez uma ponta como bandido em seu último filme, o suspense Prisioneiro do Rio (1988), coprodução Brasil-Inglaterra-Polônia-Suíça dirigida pelo polaco-americano Lech

Majewski e inspirada na vida do célebre criminoso britânico Ronald Biggs, foragido no Brasil. No elenco, Steven Berkoff, Florinda Bolkan, José Wilker, Zezé Motta, Elke Maravilha e até o músico Lulu Santos. A aposentadoria pela Previdência Social e o fim do segundo casamento o conduziram naturalmente de volta a Porto Alegre, em definitivo, no final da década de 1990. Após algum tempo de residência na Casa do Artista Riograndense, passou a morar na

pequena casa que havia construído no bairro Tristeza, em terreno dividido com a irmã Carilde. Uma rotina simples, animada por casas de bingo, encontros (quase sempre de violão a tiracolo) com amigos e ex-colegas de Renner e depoimentos a reportagens sobre futebol e cinema nacional. E que seria quebrada, na reta final, por três resgates dignos de tão inusitada trajetória.

No script, dois documentários e sua primeira ida ao Festival de Cannes, aos 73 anos, com um delay de praticamente meio século - na premiação de 1959, ficara de fora por questões orçamentárias dos produtores. O gaúcho distribuiu sorrisos sobre o tapete vermelho como convidado de honra da mostra francesa de 2005, ao lado da ex-parceira artística Marpessa Dawn, para a exibição de À la Recherche d’Orfeu Negro, documentário de Bernard Tournois e René Letz-gus sobre os bastidores de Orfeu Negro, com direito a imagens de um reencontro de Breno com as locações originais no Morro da Babilônia.

Já a faceta de ex-jogador fez dele um dos destaques de outra produção do gênero, Papão de 54, sobre a vitoriosa saga do Renner. O material acabou deflagrando em seus jovens diretores, os porto-alegrenses Alexandre Derlam e René Goya, a ideia do documentário A Descoberta de Orfeu, centrado na vida de Breno. “Ele adorou a ideia e passamos mais de dois anos gravando com ele, de uma personalidade cativante e

que se tornou nosso amigo”, conta Goya. “Até o Andy Summers, guitarrista da extinta banda inglesa The Police, contribuiu com um depoimento falando da sua paixão pelo filme do Marcel Camus.” Entraves burocráticos e financeiros, porém, mantêm a finalização do documentário em ritmo de espera, após mais de 20 anos - em 2008, o então presidente norte-americano Barack Obama falou da influência de Orfeu Negro na vida de sua família. “Combinando esforços próprios, inscrição em editais públicos e outras tentativas de captação de recursos, o plano está hoje com sua pesquisa e roteiro avançados”, explica Derlam. “Uma iniciativa desse porte depende de recursos capazes de cobrir custos de liberação de direitos autorais de imagens e músicas, por exemplo, com um resultado capaz de revalorizar a importância de um personagem tão fascinante”. Breno jamais veria o material concluído. Em uma nublada manhã de sexta-feira, 11 de julho de 2008, já avô e bisavô, o artista que dera ao mundo uma fisionomia brasileira para o antigo mito grego de 26 séculos foi encontrado sobre a cama de seu quarto - no epílogo não encenado, um infarto fulminante a dois meses do 77º aniversário (aliás, a mesma causa da morte da ex-colega Marpessa Dawn, em Paris, 45 dias depois). “Nosso pai partiu feliz e tranquilo, como sempre viveu”, arrematam a jornalista Susete Mello e o mano Paulo Roberto, diagramador aposentado.

No cinema

- Longa-metragens:**
- Orfeu Negro (1959)
 - Rata de Puerto (1964)
 - O Santo Módico (1964)
 - Os Vencidos (1965)
 - O Negrinho do Pastoreio (1973)
 - Prisioneiro do Rio (1988)
- Documentários:**
- À la Recherche d’Orfeu Negro (2005)
 - Papão de 54 (2005)
 - A Descoberta de Orfeu (em produção)

A carreira no futebol

- Esporte Clube São José (1949-1951)
- Grêmio Esportivo Renner (1952-1956)
- Santos Futebol Clube - Santos/SP (1956)
- Fluminense Football Club - RJ (1957-1959)
- Esporte Clube Floriano - Novo Hamburgo/RS (1962)
- Esporte Clube Água Verde - Curitiba/PR (1964)
- Clube Atlético Cairu - Sapiranga/RS (1969)



Breno Mello voltou a Cannes ao lado de Marpessa Dawn



Marcello Campos é formado em Jornalismo, Publicidade & Propaganda (ambas pela Pucrs) e Artes Plásticas (Ufrgs). Tem seis livros publicados, incluindo as biografias de Lupicínio Rodrigues, do Conjunto Melódico Norberto Baldauf e do garçom-advogado Dinarte Valentini (Bar do Beto). Há quase duas décadas, dedica-se ao resgate de fatos, lugares e personagens porto-alegrenses. Contato: portonoitealegre@gmail.com.

nas telas



Lázaro Ramos vive Batista, o pai de Gugu, no filme que ganha pré-estreia no CineBancários

Feito Pipa tem pré-estreia neste fim de semana

O longa-metragem Feito Pipa, de Allan Deberton, tem duas sessões de pré-estreia no CineBancários (General Câmara, 424), no sábado e no domingo, às 19h. Estrelado por Yuri Gomes, Teca Pereira e Lázaro Ramos, o filme acompanha Gugu, menino de quase 12 anos apaixonado por futebol que vive com a avó Dilma e precisa encarar a possibilidade de morar com o pai. Os ingressos custam R\$ 14,00, com meia-entrada de R\$ 7,00 para idosos, estudantes, bancários,

jornalistas sindicalizados, portadores de ID Jovem e pessoas com deficiência, na bilheteria do cinema. Estreado na Berlinale 2026, o filme conquistou na mostra Generation Kplus o Urso de Cristal, concedido pelo Júri Jovem, e o Grande Prêmio do Júri Internacional. Também foi premiado nos festivais de Cartagena das Índias, na Colômbia, e de Guadalajara, no México, e soma cinco prêmios internacionais.

Com Rodrigo Santoro, Três Horas para Viver estreia

Chegou aos cinemas brasileiros na quinta-feira o lançamento de ação “Três Horas para Viver”. Com um elenco encabeçado pelo ator brasileiro Rodrigo Santoro (“O Filho de Mil Homens”), Alan Ritchson (“Reacher”) e Owen Wilson (“Marley & Eu”), o longa conta a história de um entregador de elite contratado para escoltar um órgão até a garotinha que vai recebê-lo. Porém, a ca-

minho do hospital, a jornada se torna uma literal corrida pela vida quando um grupo criminoso tenta roubar a preciosa carga. O longa é dirigido pelo ex-dublê Scott Waugh (“Os Mercenários 4”) e também conta com nomes como Leila George D’Onofrio (“Máquinas Mortais”), Sullivan Stapleton (“300: A Ascensão do Império”) e Peta Sergeant (“Patrick: O Despertar do Mal”).

Animações infantis e feitas por mulheres no Capitólio

Para marcar o Dia Internacional da Animação, celebrado em 28 de outubro, a Cinemateca Capitólio (Rua Demétrio Ribeiro, 1085) apresenta, neste sábado, duas sessões especiais, uma às 14h, com a Mostra Infantil, e outra às 15h, com a Mostra Itinerante

“Mulheres na Animação. Na Mostra Infantil, seis filmes curta-metragem serão exibidos em sequência, totalizando 45 minutos. Já na sessão das 15h, serão oito curtas, todos dirigidos por mulheres, totalizando 72 minutos de apresentação. A entrada é franca.

palavras cruzadas diretas

www.coquetel.com.br © Revistas COQUETEL

Cofundador da Microsoft	Casta de uva tinta de origem espanhola	Parte antiderrapante do tênis			(?) Brasil, atração do Rock in Rio 2024	Livro de Drummond		
						Sem fogo	Efeito de sabotagem	
Espalhado por muitas partes					Evento esportivo			
Imbecil; palerma		On-(?): a comunicação via internet		Capa solene usada por soberanos				
Ilhas pesquisadas por Darwin								
Formato do gráfico do razonete contábil		O órgão da reforma agrária (sigla)					A de Deus destruiu Gomorra (Bíblia)	
A notícia que traz luz a um mistério								
		Respeitante ao desejo (fem.)		Sine (?): sem data fixada (latim)				
				Aparelho que limpa o fundo dos rios				
			Hábito do usuário do e-reader				Réptil crocodiliano	
Direito do dono	Melissa (?), atriz			Al Jarreau, cantor dos EUA				Amapá (sigla)
Tecido de toldos	O seques-trado							
				Assunto de feiras como a E3 ou a PGW				
			Impôs código repressivo a Atenas					
Obter, em inglês								
Fazenda (Econ.)								
Filme estrelado por Judy Garland			Alcança com a vista					O beneficiário do alibi (jur.)
			Identificação do remédio genérico					

BANCO 3/die — get — leo — moi. 4/game — line. 6/dracon. 11/tempranillo. 18

ASSINE COQUETEL E SE DIVIRTA ONDE ESTIVER!

Receba suas revistas favoritas no conforto da sua casa.

Desafio Fácil CACA PALMIRA Espetáculo Picolo

WWW.ASSINECOQUETEL.COM.BR

Siga a gente nas redes sociais: coquetel editoraCoquetel

Solução

Z	O	E	D	O	I	G	V	W	O
I	R	E	N						
D	I	V		O	S	I	F		
N	O	C	V	R	D				
E	M	V	G						
R	J	V		O	E	T			
P	V	R	E	T					
V	R	O	D	V	T	E	V		
E	I	D							
D	V	R	C	N	I				
S	O	G	V	P	V	T	V		
O	N	V	W						
N	V	P		V	P	O	T		
O	D	V	N	I	W	S	S	I	D
C									

Horóscopo

Áries: Você se precipita, por se sentir desafiado. Canalice positivamente as energias que borbulham em seu interior, antes que sejam mobilizadas pelo que não vale à pena.

Touro: Discussões em casa, com a pessoa amada ou ainda com sócios, põem muito a perder. Não é tempo de provocar onça com vara curta. Nem mesmo se parecer indispensável.

Gêmeos: As polêmicas e desentendimentos no trabalho fazem você perder energia. Seu espírito está agitado e inquieto. Concentre a atenção em empreender algo difícil no trabalho.

Câncer: As pessoas não lhe atendem em seus desejos. Tenha calma e a ponderação para levar adiante sua vontade e empreender o que quer que seja. Concentre-se no fundamental.

Leão: Um momento de crise interna: você pensa de um jeito mas seu instinto pede outra decisão. Não bloqueie nenhum dos polos, pois ambos mostram algo de valor.

Virgem: Diante das contrariedades que o cotidiano possa lhe trazer, proceda assim: seja hábil e esperto. Não enfrente os problemas de frente, mas desvie estrategicamente.

Libra: Muita tensão e contrariedade. O que precisa ser rompido, deixe romper, sem forçar nem assumir pessoalmente a ruptura. O equilíbrio das coisas deve mudar, mas não se perder.

Escorpião: Jogo de força no trabalho, a ver quem pode mais. Não teime sem necessidade, não queira controlar tudo. Concentre-se nos atos e nas palavras construtivos.

Sagitário: A instintividade, às vezes negada ou dissimulada, está hoje criando um choque em relação a seus ideais e valores mais nobres você é pressionado pelos dois lados.

Capricórnio: Certos impulsos podem ir contra compromissos antes assumidos. Trabalhe para criar uma nova conciliação entre estes dois aspectos, considerando que ambos são importantes.

Aquário: No trabalho, você quer ir para um lado e os demais participantes ir para um lado contrário. Ceder simplesmente ou impor sua vontade tende a piorar a situação. Reconciliem-se.

Peixes: Atrito entre os procedimentos de trabalho e os valores éticos que defende. É preciso esforço para você conseguir conciliar os dois lados, em alguma medida do possível.

Gregório Queiroz / Agência Estado



Jaime Cimenti

Livros

jcimenti@terra.com.br

Epopeia contemporânea arrebatadora

Depois do sucesso mundial do romance best-seller Pachinko, eleito um dos “100 melhores livros do século” pelo The New York Times, a multipremiada escritora Min Jin Lee, autora do romance Free food for millionaires, retorna à cena literária mundial com o alentado romance Hagwon Americana (Editora Intrínseca, 688 páginas, R\$ 99,90, livro impresso, E-book R\$ 69,90, tradução de Alessandra Esteche e Lúcia Azevedo).

Min Jin Lee, entre outras distinções, foi premiada com o Fitzgerald de Excelência Literária (2024), o Grande Prêmio Manhae de Literatura (Coreia do Sul) e foi finalista do National Book Award e do Dayton Literary Peace Prize e foi contemplada com bolsas de estudo da Guggenheim Foundation, N.Y. Foundation for the Arts e Harvard Radcliffe Institute.

Min Jin Lee novamente enfoca a diáspora coreana e conta a história da família Koh, uma

verdadeira saga que, em meio às complexidades da imigração, à frágil promessa do “sonho americano” e o propósito da educação, mostra personagens arquetípicos capazes de questionar valores estruturais da sociedade sul-coreana e estadunidense.

No centro da jornada estão as hagwons – escolas privadas de reforço escolar – que funcionam como cenário principal e catalisador dos principais temas abordados pelo romance. A história se inicia em Seul, Coreia do Sul, no início dos anos 1990, quando a vida confortável da família Koh é subitamente devastada, após o patriarca John ser acusado falsamente de assédio. A ruína profissional e pessoal provoca uma saga de redenção que se desdobra por décadas pela Ásia, Américas e Oceania.

A autora mescla com talento e profundidade, como fez em Pachinko, vidas de duas gerações de imigrantes transformadas de



maneira brutal pelo desejo de se expandir, competir e fincar raízes. Os Koh tentam recuperar a dignidade perdida em três continentes, a partir de ter sofrido uma traição covarde. Min Jin Lee enfatiza o papel positivo da educação e o pensamento crítico, para resolver problemas reais da vida.

e palavras...

MANUAL OPERACIONAL DO CORPO HUMANO

Diante de tantos avanços tecnológicos, científicos, médicos e de comportamento das últimas décadas e, considerando que estávamos vivendo mais décadas do que antes, é preciso utilizarmos práticas fundamentais para melhorar substancialmente os estados físicos e mentais no dia a dia. Ao mesmo tempo devemos utilizar ferramentas específicas baseadas na ciência que podem ser utilizadas para superar desafios comuns ou elevar os desempenhos mental e físico.

No amplo e bem fundamentado livro Protocolos – Um manual operacional do corpo humano (Editora Intrínseca, 592 p., R\$ 99,90 livro impresso e R\$ 69,90 E-book, tradução de André Fontenelle, Bruno Fiuza, Paula Diniz e Rita Paschoalin) o Dr. Andrew D. Huberman, Ph.D. em neurociência e professor titular no departamento de neurobiologia e oftalmologia da Faculdade de Medicina de Stanford apresenta, com base em décadas de pesquisas, suas e de colegas, um guia dos mais completos e detalhados sobre soluções simples e factíveis para o dia a dia, para aproveitar os poderes da fisiologia humana.

O livro já figura, meritadamente, em listas de mais vendidos no Brasil e, nos Estados Unidos, onde foi lançado em 15.09.2026, já vendeu 150 mil cópias até 26.10 e chegou ao primeiro lugar na prestigiada lista do The New York Times. Huberman apresenta o podcast Huberman Lab, o mais popular de ciência e saúde do mundo. Huberman tem contribuições significativas em matéria de

função e desenvolvimento cerebral e neuroplasticidade. Seu laboratório em Stanford publicou artigos na Nature, Science e Cell e foi destaque na BBC, Time, Scientific American e Discover. Huberman recebeu o prestigiado Prêmio Cogan da Association for Research in Vision and Ophthalmology.

Protocolos está dividido em sete grandes áreas: sono; exercícios físicos; controle de estresse; nutrição; luz; foco; motivação e aprendizado e crescimento pessoal. Os protocolos são simples, apresentados com clareza e didática e são fáceis de serem executados no dia a dia. O protocolo do sono, de grande importância, refere, por exemplo, que devemos nos expor à luz do sol assim que acordamos e o protocolo sobre estresse nos ensina com propriedade sobre respiração.

Os protocolos são organizados em ordem de importância e impacto em cada capítulo. Todos começam com uma série de passos que explicam o que devemos fazer. Em seguida vem a ciência por trás dos mecanismos nos quais se baseiam. Os protocolos incluem também respostas a perguntas que amigos, familiares, colegas de trabalho e o público costumam fazer ao experiente e estudioso Dr. Huberman.

Além disso, Huberman mostra que a neuroplasticidade (capacidade de aprender e reprogramar o cérebro, que Huberman tratou em seu doutorado) pode ser incentivada com práticas simples como sono e exercícios de qualidade. Os exercícios são importantes em qualquer idade, inclusive para os neurologicamente vulneráveis.

Lançamentos



► **Um predador chamado Febrônio – O primeiro serial killer midiático do Brasil** (Matrix, 216 p., R\$ 79,00) de Julia do Passo Ramalho, psicóloga e especialista em Psicanálise, saúde mental, criminologia e psicologia forense fala do homem-monstro que matou, enganou, assumiu identidades falsas e aterrorizou o Rio de Janeiro em 1927. Acusado de crimes contra meninos, inimpunível, foi o paciente 001 do primeiro manicômio judiciário do país, onde ficou por 50 anos. Julia pesquisou se ele era realmente louco ou usou a loucura para escapar da Justiça.



► **Código Rosa** (Maquinaria Editorial, 224 p., R\$ 57) de funBABA, criadora de conteúdo e streamer, com oito milhões de seguidoras, narra, em sua estreia literária, a trepidante trajetória da ítalo-brasileira Cristal Giorno, que veio da Itália para o Brasil para mostrar que não precisava do dinheiro da família. O livro conta a história da Hells, gangue formada só por mulheres, seus planos milionários, paixões difíceis e traições. Subestimar uma mulher é um clássico, mas também um erro fatal.



► **As irmãs Beauvoir** (L&PM, R\$ 66, 272 p.) de Claudine Monteil, diplomata, escritora e historiadora francesa, mostra Simone e Hélène de Beauvoir, uma grande filósofa e escritora e a outra pintora de três mil quadros e gravuras, diferentes mas unidas pelo amor fraternal e pela luta para existirem plenamente como mulheres e artistas. A autora da obra foi contemporânea e amiga próxima das duas irmãs e retrata as batalhas pela ampliação dos direitos das mulheres.

A propósito

Como se vê, o autor, com um estilo dinâmico e envolvente, explica a ciência por trás de cada protocolo e, em seguida, mostra como eles são capazes de produzir resultados imediatos e eficazes. Além disso, o autor descreve como personalizá-los, permitindo que todos façam adaptações às próprias necessidades. Especialmente Huberman ressalta que tanto o

treino de resistência quanto o treino cardiovascular trazem ganhos enormes, mas, combinados, são estímulos eficazes para a saúde cerebral e a neuroplasticidade. Melhor função cerebral, mais saúde, desempenho físico melhor humor e energia para reconfigurar o sistema nervoso e muito mais é o que pretende Huberman para seus leitores. (Jaime Cimenti)

sangue novo

A denúncia social no som da Asterisma

Andressa Pufal

A denúncia social e o grito de uma juventude em descompasso com o presente e sem ancoragem no amanhã se encontram no rock melancólico e denso da Asterisma. Com seis anos de estrada, o quarteto porto-alegrense articula, entre matrizes do emo, do pós-punk e do indie rock, as fraturas urbanas do Sul Global e os dilemas de uma cena musical ainda muito longe das capitais.

Formada por João Lentino e Leo Klein (guitarras e vocais), Lucas Ramos (baixo e vocal) e Sofia Tonolli (bateria e vocais), a Asterisma acaba de retornar a Porto Alegre após uma turnê que passou por Caxias do Sul, Florianópolis, Curitiba e São Paulo. O giro divul-

gou o EP *Irmãos, Rivais*, gestado em parceria com os gaúchos da Rugby Brasileiro.

“Foi muito legal esse espaço criativo conjunto de duas bandas diferentes. Eu acho que a gente conseguiu tirar um som que é muito Rugby e muito Asterisma”, resume Sofia, baterista e vocalista do grupo. Lançado em 6 de outubro, o trabalho imprime a melancolia visceral da Asterisma nas faixas reflexos e porto alegre ficou pequena demais pra nós dois.

Nesta última, os músicos tateiam a própria condição da criação independente no underground porto-alegrense, sob guitarras pesadas que ecoam: “Só suma dessa cidade / Pois eu odeio tanto cantar / Tudo aquilo que você compõe”. Já em reflexos, a voz



Quarteto porto-alegrense realizou turnê de divulgação do EP *'Irmãos, Rivais'*, e utiliza a música como protesto

dá vazão ao lamento das disputas e silêncios do âmbito familiar: “O meu sangue não é cola / Que o amor que me consola / Não foi prescrito no berço”, denunciando fricções domésticas muitas vezes naturalizadas.

“Foi muito insano porque a gente não tinha tocado fora do Estado em todos esses anos e do nada a gente foi para três cidades”, celebra Sofia, destacando o esgotamento dos ingressos em São Paulo e Curitiba.

Com referências que passam pelo pós-punk oitentista, pela canção de protesto, pelo indie rock e pela visceralidade do punk por-

to-alegrense, a Asterisma costura em suas composições a precarização do trabalho, o cansaço do artista independente, as tensões da cidade e o protagonismo feminino na cena alternativa. A trajetória começou na pandemia, desdobrando-se no álbum de estreia homônimo (2023) e no disco honra entre os novos ladrões (2025).

“A gente é bem raivoso, no sentido de ser inconformado com algumas coisas da realidade”, reflete a baterista. “Não são músicas diretamente políticas, são mais um manifesto. Particularmente, eu gosto de ter a banda porque é um espaço para externalizar muita

coisa. Eu sou uma pessoa que no dia a dia acaba se adaptando muito, e na minha música eu vou lá e grito sobre o que eu não gosto.”

Se ocupar o palco sendo mulher já é um ato de ruptura, estar à frente da percussão e da voz em um projeto de protesto amplifica essa presença. “Um pouco do ser mulher é sempre duvidar dos nossos lugares de pertencimento e não reconhecer nossas conquistas. Além de cantar, eu sou a baterista. Então eu faço duas coisas que são disruptivas. Não temos muitas bateristas nessa cena de agora e cantando. Então, eu me sinto orgulhosa de estar nesse lugar.”

qual é a boa?

A redação do JC traz as melhores dicas culturais para o fim de semana de 30 de outubro a 1º de novembro



Um dos maiores compositores de rock português – o pianista Jorge Palma – morreu recentemente, no dia 21 de setembro, em Lisboa. Conhecido pelas letras poéticas e os arranjos líricos, Palma é como se fosse uma versão lusitana do argentino Fito Páez, do norte-americano Bob Dylan ou do brasileiro Caetano Veloso. Apesar da notoriedade em outros países lusófonos, ele ainda não é muito conhecido no Brasil. Um bom começo para adentrar na obra de Jorge Palma é o álbum *Só* (1991), em que o cantor português interpreta suas canções ao piano. Lá estão clássicos do artista europeu, como *A Gente Vai Continuar*, *Frágil* e *Deixa-me Rir*.

Marcus Meneghetti,
repórter de Política



Que tal conhecer calçados feitos de peles de tilápia, rã e crocodilo, palha, junco e madeira? A exposição *Estranhamentos*, do Museu Nacional do Calçado, em Novo Hamburgo, propõe olhar além do convencional e descobrir como designers e artesãos transformam materiais inusitados em peças cheias de técnica, funcionalidade e beleza. A mostra convida a refletir sobre criação, natureza, tecnologia e consumo. A visitação é gratuita, de segunda a sexta, das 9h15min às 11h30min e das 14h às 18h, no Campus I da Feevale (avenida Dr. Maurício Cardoso, 510). Visitas em outros horários podem ser agendadas pelo telefone (51) 3584-7101.

Osni Machado,
colunista



Minha dica para esta sexta-feira é o show dos Paralamas Clássicos, às 21h, no Salão de Atos da PUCRS (Ipiranga, 6681, Prédio 04), que rola na cerimônia do Mérito Cultural PUCRS 2026, homenagem à banda pelos mais de 40 anos de estrada. Já vi os Paralamas três vezes e é sucesso atrás de sucesso. O trio formado por Herbert Vianna, Bi Ribeiro e João Barone, acompanhado de João Fera (teclados), Monteiro Jr. (sax) e Bidu Cordeiro (trombone), vai passear por 33 canções, de *Cinema Mudo* (1983) até os trabalhos mais recentes. Os ingressos custam de R\$ 100 a R\$ 550, no Sympla ou na bilheteria do Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS.

Joana Luna Camargo,
repórter de Cultura



Celebrando o mês das crianças e o início da Feira do Livro, minha recomendação são as atrações para os pequenos, que ocorrerão na Praça da Alfândega. A Feira oferece para o público infantojuvenil, de sexta-feira a domingo, eventos que buscam aproximar os jovens do universo da leitura. Durante o dia inteiro, das 10h às 18h, contação de histórias, sessões de autógrafos, AnimeXtreme, entrevistas e lançamentos de livros tomarão conta da Praça. Toda a programação é gratuita. Minha dica específica é a contação de histórias sobre o Saci Pererê para a primeira infância, que vai ocorrer no sábado, das 10h às 15h, no estande do Porto das Histórias Sulgás.

Andressa Pufal,
repórter de Cultura